
A humanização cultural e sua ambivalência

Giovanni Baruffa*

“A humanidade cessa nas fronteiras da tribo,
do grupo lingüístico,
às vezes mesmo da aldeia”.
C.Lévi-Strauss, pg. 237.

Resumo: O *homo sapiens* pertence a uma única espécie que, emergindo do *phylum* dos primatas, tem seu representante mais antigo no homem de Cro-Magnon. Dentro da espécie existe uma variabilidade biológica: as raças, cujo desenvolvimento foi originado por pulsões ambientais e relativas adaptações. O homem é criador e criatura da cultura, a qual lhe propicia a inserção como indivíduo e como espécie no ambiente físico e social. A cultura humaniza o homem, ao mesmo tempo, porém, cria desumanidade, levando-o a considerar o seu grupo superior e diferente dos outros. Trata-se de uma reação etnocêntrica, praticamente universal. Em oposição, temos o relativismo cultural que, afirmando a aceitação das culturas assim como são, independentemente de aberrações e desrespeito à dignidade humana, dá o aval a formas de comportamento que estão em evidente contraste com a própria dignidade. A construção da humanidade dentro do grupo comporta um componente desumano que torna difícil a convivência entre etnias diferentes.

Palavras-chave: cultura; humanização; desumanização; etnocentrismo; relativismo cultural.

O homem pertence a uma única espécie que, pelo processo evolutivo do *phylum* dos primatas, emerge aproximadamente 35 mil anos atrás, com o *homo sapiens sapiens*, cujo fóssil mais antigo é o homem de Cro-Magnon, encontrado em sítios arqueológicos da França.

Apesar de ser espécie única, o *sapiens sapiens* apresenta algumas características de ordem biológica como a cor da pele, forma dos cabelos, do crânio, do nariz, dos olhos, envergadura etc. que permitem reagrupá-lo em variantes da espécie, as raças, cuja emergência foi conseqüência de pulsões ambientais: clima, ambiente físico, solo, cobertura vegetal etc. e a condicionamentos

* Prof. Emérito da Universidade Católica de Pelotas-Ucpel - RS.
Prof Emérito da Fundação Universidade Federal de Rio Grande-FURG-RS.

decorrentes da atividade física, alimentação, isolamento. Nos seres vivos em geral, pulsões ambientais e condicionamentos têm importância primordial na especialização biológica e de consequência na emergência de novas espécies – especiação. No *sapiens sapiens*, a criação cultural absorveu pulsões e condicionamentos que, por isso, tiveram influência reduzida na biologia e uma expressão maior na tipologia cultural.

Que é cultura? É “aquela maneira particular do homem, como membro de uma sociedade, de organizar seu pensamento e seu comportamento com relação ao ambiente” (FABIETTI, p.42). Ambiente entendido seja nas suas características físicas seja na componente social. O *sapiens sapiens*, então, é um ser biologicamente incompleto. Aquelas pulsões que condicionam as características biológicas e o comportamento das espécies animais com relação ao ambiente físico e aos representantes da mesma espécie ou de espécies diferentes – os instintos – têm nele um peso limitado e são controladas pelo contexto social e cultural no qual está inserido. O *sapiens sapiens* elabora formas de comportamento que prescindem, em grau variável, dos instintos, tendo neles um condicionamento parcial porque controlado culturalmente.

O homem cria cultura e é criado por ela: criador e criatura, condicionado não tanto biologicamente, quanto socialmente.

A criação cultural fornece ao homem os meios físicos e os instrumentos para a sua inserção na variabilidade ambiental: a tecnologia. Condiciona as modalidades pelas quais os indivíduos interagem entre si: a organização social. Oferece uma explicação do mundo e da sua própria existência, elaborando crenças e valores: a religião e a ética. Favorece a compreensão das leis que governam a realidade física e biológica: a ciência.

Básica para a criação e a transmissão cultural é a capacidade de comunicação: a linguagem. Comunicação existe tanto no mundo animal como no vegetal porque imprescindível aos organismos vivos adaptar-se ao ambiente. Expressões dela são: cores e perfumes das flores, feromônios, cores e cantos dos pássaros, odores, uivos e latidos, chifres etc. Mas a linguagem, nas suas diferentes formas – falada, escrita, – é prerrogativa exclusivamente humana, expressão máxima da criação de símbolos exclusiva do *sapiens sapiens*.

Ao processo de “hominização”, fruto da evolução biológica, a cultura junta a “humanização”. Em outras palavras, cria o ser humano. Naturalmente, essa criação é feita de acordo com o conceito de humanidade característico de cada sociedade e por ela transmitido de uma geração a outra. É comum, então, assistir à

exclusão daqueles que não partilham da concepção de humanidade própria do grupo: os “outros”, os “diferentes” por aspecto físico, linguagem, lugar de procedência crenças etc. Está aqui a origem do Etnocentrismo, presente mesmo com intensidade diferente em todas as culturas, que distingue o “bárbaro”, o “selvagem” do “civilizado”, o “fiel” do “infiel,” o “letrado” do “analfabeto”, dificultando a convivência e a compreensão entre os grupos culturais e marginalizando o “outro” por meio do desprezo, do ridículo.

A reação etnocêntrica pode ser percebida na denominação que certos grupos atribuem a si mesmos: ex. os Xavantes “Auwê Uptabi” = Homens Verdadeiros, excluindo então todos os outros. Existem até etnocentrismos alimentares: temos, assim, os Inuit = “Homens,” etiquetados pelos vizinhos Algonquinos “Esquimos” = comedores de carne crua; os “Macarroni”, os “Kartoffeln” = comedores de batatas, os comedores de cachorro; os que não comem vaca porque animal sagrado; os que não comem porco porque imundo; etc.

O etnocentrismo bloqueia a compreensão do outro e torna difícil ou impossível a convivência no mesmo território como acontece na sua forma mais exasperada, o racismo.

Disso deriva uma dupla forma de comportamento, uma dupla moral: uma aplicada ao próprio grupo, a outra ao “outro”. O contato pode desembocar em guerra aberta na base da qual são sempre exacerbados a idéia e os valores da identidade: raça, religião, nacionalidade, língua, etc. que estabelecem uma antítese entre a própria “humanidade” e a ausência de “humanidade” dos outros, dos inimigos.

Um dos aspectos mais comuns do etnocentrismo é o patriotismo, sempre invocado para afirmar a própria superioridade, a própria humanidade e a desumanidade dos outros.

Etnocentrismo e patriotismo sempre alimentaram e ainda hoje alimentam guerras, genocídios, terrorismo, etc. A base está na convicção da superioridade de “nós” e a inferioridade e falta de humanidade dos “outros”. Mesmo sendo biologicamente homens, não são considerados membros da espécie. As representações culturais que cada grupo faz de si mesmo excluem da categoria de humanidade os que não compartilham a cor da pele, a língua, a história, os costumes, a religião.

Isso tudo é fruto do processo cultural de “humanização” que impõe os traços culturais do grupo social de origem, excluindo os que não compartilham desses mesmos traços. Infelizmente, no processo de humanização cultural, esquece-se de que as diferenças

raciais e culturais são meramente superficiais e podem ser superadas evidenciando as semelhanças que tem sua origem na unidade da espécie, na igualdade dos processos psíquicos e na idêntica capacidade de abstração. Infelizmente os grupos humanos têm escassa disposição a estender aos outros a própria “humanidade”.

O fenômeno tipicamente moderno da constituição de sociedades multiétnicas, no seio das modernas sociedades industriais européias e americanas, não tem melhorado a relação entre as diferentes etnias. Existe, no fundo, incompreensão e, freqüentemente, aberta hostilidade favorecidas e facilitadas pela dificuldade de integração de grupos depositários de culturas “diferentes” e, por isso, alheias ao conceito de “humanidade” própria da sociedade na qual estão inseridas. A incompreensão e a hostilidade são mais evidentes quando um dos parceiros se considera “povo eleito”, fechando, assim, toda e qualquer possibilidade de diálogo em consequência de uma exacerbação etnocêntrica que não aceita compromissos.

Tem razão REMOTTI quando escreve que fazer humanidade é sempre também fazer “desumanidade” (pg.160). O homem precisa ser construído homem e a construção é sempre realizada de acordo com os padrões culturais próprios do grupo.

O homem é um ser incompleto também dentro do próprio grupo como gênero. Completa-se no encontro com o outro sexo, realizando a reprodução da espécie e do tipo particular de sociedade, de humanidade. Permanece, todavia, incompleto no contexto da cultura, sendo fruto de um tipo particular de enculturação, de humanização, que, excluindo os outros, cria a “desumanização”. A identidade cultural, portanto, é sempre incompleta, limitada, excludente. E ela é ambivalente: de um lado humana no contexto do grupo, do outro, desumana na relação com os “outros”.

Visto que todas as culturas constroem, ao mesmo tempo, “humanidade” e “desumanidade”, podemos aceitá-las sem uma análise crítica? Aceitando-as cairíamos no Relativismo Cultural, que, baseando na premissa da igualdade de todas as culturas, e, portanto, justificando atitudes, costumes, instituições que delas derivam, recusa toda e qualquer análise crítica baseada em julgamento de valor, de moralidade. Aceitando acriticamente o relativismo cultural, aceitaríamos a morte por apedrejamento da mulher adúltera, a mutilação dos culpados por roubo, as mutilações genitais masculinas e femininas, os campos de extermínio, o *apartheid*, etc. O relativismo cultural tem um limite: o respeito e a

tutela da natureza humana, e, portanto, da “humanidade” a ela inerente.

Em conclusão, podemos afirmar que a construção exasperada de um tipo de “humanidade” comporta uma exasperação da “desumanidade” que dela deriva, tornando difícil a construção de uma sociedade multiétnica.

Abstract: Homo sapiens belongs to the sole species originated from the phylum of primates. Its oldest representative is the Cro-Magnon man. The biological variability of the species rises the races. Man is both the creator and the creature of culture, which makes it possible to insert himself in the natural and social environment. Culture humanizes man but simultaneously dehumanizes him, because makes him to consider his group different and superior. The ethnocentrism is universal among cultures. Cultural relativism, considering to accept all cultures, whatever it may be, is the opposite of ethnocentrism. The human construction within the group always bears an inhumane component making difficult the close companionship between different ethnic groups.

Key words: culture; humanization; dehumanization; ethnocentrism; cultural relativism.

Bibliografia consultada

FABIETTI,U; MALAGHETTI,R; MATERA,V. 2000. Dal Tribale al Globale.Bruno Mondadori, Milano.

HARRIS,M. 1991.La Nostra Specie.Rizzoli,Milano.

HARRIS,M.1992. Buono da Mangiare.Einaudi,Torino.

LEVI-STRAUSS,C.1970.Raça e Historia;em Raça e Ciencia, pgs 231-269.Perspectiva,S.Paulo.

REMOTTI,F.2000. Prima Lezione di Antropologia.Laterza,Bari.

